

Renato Suttana

Coroa de ruídos

arquivo de
Renato Suttana

http://www.arquivors.com/renato_coroa.pdf

2010

A distribuição deste livro é gratuita e se destina ao uso privado. A obra escrita nele contida não poderá ser adulterada ou reproduzida, no todo ou em parte, para quaisquer fins que não o especificado, sem o prévio consentimento de seu autor.

e-mail para contato:
arquivosuttana@yahoo.com.br

Copyright © Renato Suttana, 2010

Sumário

SONETOS DE SÍSIFO.....	5
I.....	7
II.....	8
III.....	9
IV.....	10
V.....	11
VI.....	12
VII.....	13
VIII.....	14
TERIA VALIDO.....	15
I.....	17
II.....	19
III.....	20
IV.....	21
V.....	22
VI.....	23
VII.....	24
VIII.....	26
IX.....	27
X.....	28
O PORTÃO.....	31
Há tantos dias.....	33
Ensina-me.....	34
O dia me alimenta.....	35
Gesto.....	36
Esperar que o silêncio.....	37
Cor.....	38
Ferida.....	39

<u>O portão.....</u>	<u>40</u>
<u>Resíduo.....</u>	<u>41</u>
<u>O construtor.....</u>	<u>42</u>
<u>Gaia ciência.....</u>	<u>43</u>
<u>Agora.....</u>	<u>44</u>
<u>Forma.....</u>	<u>45</u>
<u>Aventura.....</u>	<u>46</u>
<u>Contabilista.....</u>	<u>47</u>
<u>Estabilidade.....</u>	<u>48</u>
<u>UM CANTO PARA SÍSIFO.....</u>	<u>49</u>
<u>Um canto para Sísifo.....</u>	<u>51</u>

SONETOS DE SÍSIFO

I

De que farei meu dia? Que matéria
há de compor seu corpo de fracasso?
Devo sangrar à sombra esta miséria,
desfazer-me em ludíbrio neste espaço?

Que coisa hei de querer que seja séria
e não se decomponha em negro e baço,
mas se sustente, à luz sublime e etérea,
sem ressecar ao sol do que não faço?

Devo agarrar-me à ideia de um sentido
que afinal se entremostre, como um rosto
que em meio à escuridão foi discernido?

Ou devo, só, sentar-me na soleira,
satisfeito da tarde e do sol-posto —
prêmio que venço, embora não o queira?

II

Não vejo nada. Existo simplesmente
num píncaro do dia, onde reflito
(reconstituída a calma em minha mente)
sobre o crescer do tempo — enorme e aflito.

Sou presença e sou calma — atentamente,
como uma água que corre ao infinito,
como uma asa que pulsa de repente,
movendo ar e surpresa. (E aqui medito

no ontem disperso — em sua consistência
amarga e duvidosa; e então me aprumo
sobre o fio do instante, todo ciência,

todo expressão da perda.) Estou no topo.
Sou presença e delonga em meu escopo —
vontade que se evola em brisa e fumo.

III

Raiva do esquecimento, que me priva
de uma parte de mim que desconheço;
que me deixa a sangrar numa deriva,
sempre em véspera do alvo e do arremesso.

Raiva de ser no escuro — o recomeço
sem sentido da ação, confusa e esquiva:
desejo de *ter sido*, que despeço
quando alcançada a parte decisiva.

Despeito de não ser, que se confirma
na dispersão de após — na privação
disto que vai no vento e não se afirma:

mero *ver* que se sabe, no intervalo
aberto sobre a gana de encurtá-lo
que suspeitar converte em duração.

IV

Ânsia de suspensão e movimento
que me assalta na tarde, indefinida.
Vontade de atingir, num pensamento,
o extremo luminoso desta vida —

e entretanto rolar, sem complemento
(na ilusão inefável da subida),
perdido o impulso do arrebatamento,
pela seca aspereza da descida.

Ânsia de coisa e salto, que se embate
contra o muro do tédio e da cegueira —
que a asa do vento, gélida, combate,

forçando-a para baixo, para o solo
onde não acha prêmio nem consolo,
onde é tudo despeito, e pedra, e poeira.

V

Quero chegar mais cedo àquele cimo
onde tudo me arrisca e desafia —
e lá sofrer o gume do amplo dia
(ou da incerta palavra com que o exprimo).

Quero alcançar seu horizonte claro
(do dia), ultrapassado de estreiteza,
suplantando o receio, que me pesa,
que ao meu redor se estende — um anteparo.

E ser *do mundo*, vendo-o como quem
o soubesse por dentro e nele fosse,
em sua dança clara, algo ou alguém.

Quero subir, sem a preocupação
de pertencer à poeira que há no chão —
de submeter-me ao seu domínio e posse.

VI

Todo recomeçar é inutilmente
e escancarar as portas, perquirir
o fundo da certeza, que se mente
em ocorrer, em vir, em decidir.

Toda espessura é nula, todo abrir
de portas contraria e nos desmente:
nos expõe aos perigos de insistir
cujo fundo é de lama, e inconsequente.

Toda promessa falha, quando, ansioso,
o olho nela mergulha — ponderoso
e entretanto iludido (ludibriado

da esquiva fantasia de querer). —
Toda emoção que ali nos faz arder
é só uma herança obscura — um não-passado.

VII

Tentando decifrar-me no segredo
que há no fundo da treva, colocado
para além de justiça e de chamado,
vou tateando às cegas, muito a medo,

como se conhecer fosse um brinquedo
que eu devesse montar, fino e atilado,
tendo por guia o mapa do passado
(que do mistério é apenas o arremedo,

a parte dada, inutilmente posta
entre mim e o que quero) — no limite
da decisão que o meu tentar permite.

Busco, como quem vê, como quem junta
um tesouro de sono e de pergunta
que não existe e espera uma resposta.

VIII

Para chegar ao topo do meu dia,
para alcançar a meta pretendida,
para vencer a agrura da subida,
perseguindo o fantasma que me guia;

para atingir o topo, que se adia
no desejo da cor não prometida
(de que a alma, entanto, exausta, não duvida,
pois se alimenta de tal fantasia) —

despeço-me do frustrado pensamento
das coisas que tentei e se perderam
no escapar tumultuoso do momento:

e me prendo somente a uma intenção,
cujo lema gravei em meu braço,
do impossível que as horas prometeram.

TERIA VALIDO

I

A rosa
teria valido a pena, o
dardo teria
compensado qualquer esforço,

inclusive à noite,
a segurar a lanterna,
como quem procura, como
quem escava e é capaz
de sair de si.

Como quem
sabe um caminho e o aponta,
para dentro de si mesmo,
onde todas as sombras
se resolvem: como coisas,
palavras, luas.

Teria
valido a pena: a rosa,
o esforço de atingir
o limite da pétala, mas não
um assim

tão desajeitado passo
por fora do círculo:

não um passo assim
precipitado,
para fora de si mesmo
e do que nunca se encontrará.

II

Teria dado a tudo isso
um contorno de pétala, teria
aberto o portão, entrado,
achado um
caminho
passível de mapas.

III

Rosa descontinuada,
altura
convertida em poço:

lento
é o sistema de agosto, agudo
o espinho do sol
sobre a face — e neutro

só o cumprir-se do deserto,
lentamente, compassadamente,
até que não haja mais

rosa nenhuma.

IV

Arco
do ar bipartido, círculo
do azul recomeçado:
quem desmerece
a fadiga encontra
um círculo de tédio
para o seu olho.

Arco
e não poder ir mais alto,
como um pássaro o teria feito,
saltando do inverno
para alguma coisa
de luz.

V

Saltando
do inverno para
qualquer coisa em que
uma altura
 se justificasse:
 um poço
não fosse apenas
a multiplicação das quedas.

Saltando
para o melhor, mesmo que
fora de si mesmo ou
num inverno deserto
no qual houvesse
pelo menos
 uma lâmina
que não se destinasse
ao nosso sangue.

VI

Saltando
por cima de qualquer coisa
que não se pudesse medir
com a fragilidade
das rosas, com o
 mistério lúcido
 do sol.

Saltando
para diante, sempre,
para diante até o indefinido:
para diante do caos
 que se cultiva
 entre duas bocas,
 uma boca
 entre
 dois dias,

saltando para diante
da centelha
que dardeja o dia
e nele
cai.

VII

Como uma falha
do ar,
teria valido a pena,
teria sido
mais do que

qualquer coisa
que não se pode reter
numa mão, que não se pode
segurar
 e cai
 no ar
 e cai

no inverno
de inverno a inverno,
 e cai

no pensamento do inverno —
uma coisa
que não se pode
dentro de si
e se ignora

e se vive
como no estrangeiro

entre leopardos.

VIII

De inverno a inverno,
caindo
no inverno:

de sombra em sombra,
entre as chuvas,
entre os dias desertos —

entre as chuvas,
caindo
entre as mandíbulas do

tédio —
por fora de si mesmo,
por fora de cada dia

até o caos.

IX

A coisa
quando assume
as proporções de um desastre,
quando não podemos evitar

e somos levados pela correnteza,
por uma espécie de correnteza que,
no entanto, é apenas
uma aridez mais própria,

vivida a partir do interior
(que se mistura ao caos em agosto,
que se mistura à possibilidade
e progride para o desastre),

a coisa
quando assume as proporções
de alguma coisa que se quebrou
e não se pôde levar para casa.

X

Teria valido a pena,
houvesse um propósito,
houvesse um ruído

que acontecesse lá,
como um chamado,
e não esta estrutura,

este osso arrancado
ao silêncio, agarrado
em plena aridez, em pleno

deserto (que sabemos nós
acerca do deserto, que
sustentação podemos dar

ao que no deserto é apenas
exasperação e incapacidade
de chegar ao centro,

obter uma pequena chuva,
quando tudo parece avançar
para a esterilidade?),

ao ar livre, como uma pedra
deixada para envelhecer
à luz de agosto.

O PORTÃO

*Quase esquecido, já, de ter de me cumprir,
Oco de tudo, é que eu, feliz, vivia.*
(José Régio)

Há tantos dias

Tenho estado perdido há tantos dias,
há tantos séculos da criação,
que encontrar uma saída ou solução
pertence ao círculo das fantasias.

Tenho andado entre pugnas e porfias,
sem ideia de norte ou direção,
perseguindo a verdade do que não,
do que é só fuga entre as horas vazias.

Quando uma nova aurora se confirma,
apregoando o valor de outro começo,
meu sentido do esforço não se afirma:

demora-se na chama da pergunta,
mirando as ruínas do que o tempo junta,
no inútil jogo do alvo e do arremesso.

Ensina-me

Ensina-me a viver no dia vário,
todo entregue à vertigem que há no vento
e às aventuras lúcidas do intento,
que me lançam num voo extraordinário.

Ensina-me a poder, retardatário,
e a estar à altura do ar e do momento,
sujeito às flutuações do movimento
e às armadilhas mil do calendário.

Dá-me o gosto fatal da acrobacia
que me insufla o desejo do inconstante,
onde eu de abismo e cor me perderia.

Ensina-me a querer na luz do instante,
e a saltar os degraus de dois em dois,
e a suportar o tédio de depois.

O dia me alimenta

O dia me alimenta de paisagens,
indiferente à minha distração:
sem perguntar se vou, se quero ou não,
se me convém o teatro das imagens.

Alimenta-me à flor da imperfeição,
onde desisto de asas e miragens
(perdido no exercício das sondagens),
de algum motivo que os sentidos dão,

mas não pertence ao circo do que invento,
encalhado no atol do pensamento,
para o consumo impróprio da quimera.

Aos meus olhos indica uma maneira
e uma cor mais completa e verdadeira,
com valor de começo e primavera.

Gesto

Para ser, para haver, para existir,
par dar ao teu dia uma resposta
que seja verdadeira e não suposta
e contenha a razão de persistir;

para não ser assim, a transigir
ao peso da evidência, sempre imposta,
como um náufrago em dúvida, obscura costa,
a cujo dente teima em resistir;

seria necessário ao teu empenho
outro dia, talvez, outro horizonte,
outro fervor ou luz no teu engenho —

e que fosses melhor que o próprio gesto
com que, fingindo, ensaias um protesto
contra o ermo sol que sobre ti desponte.

Esperar que o silêncio

Esperar que o silêncio, acontecendo
indiferentemente ao teu valor,
te diga uma palavra cujo ardor
vá no teu grito pobre amanhecendo,

vá sobre o teu desejo suspendendo
um toldo azul de argúcia e de calor,
que, abrindo-se na luz como uma flor,
cumpra o que vens tramando e pretendendo.

Esperar que o silêncio se desfaça
como um torrão de areia à orla do mar
ou como em pleno vento uma fumaça:

e dele saia o que andas a buscar —
dito por uma boca de segredo
que bem sabe o porquê do teu degrado.

Cor

Uma cor excelente me oferece
maio, que entanto há pouco era chuvoso:
me incita à persistência, me embelece,
faz progredir em mim um sol radioso;

crece em luz e manhã no arco moroso
da vontade, que aos poucos se embrutece,
dando um sentido novo, rigoroso,
ao perdido fervor da minha prece.

Um tom de recomeço, obscurecido
pela chuva de outrora e pelo vento,
se afirma, num desvão do pensamento:

sugere-me agudeza, asa e distância,
bem como a gentil pista de uma infância
que nunca floresceu no meu gemido.

Ferida

De ter assim falhado, quando o dia
era de sol e fogo e tentativa,
fica em mim a lembrança (agora fria),
boiando à superfície, em vã deriva.

Fica o pressentimento, que se aviva,
de que tudo me empece e me desvia,
forçando-me a depor, de alma cativa,
minha ambição do prêmio que se adia.

Do que floriu à sombra e definhou
entre as arestas do ar e do despeito,
fica um ressaibo à margem do que sou,

latejando em silêncio, obscuramente,
como uma velha urgência no meu peito —
uma ferida de que sou descrente.

O portão

Não menos que um milhão de pensamentos
parecem espreitar na noite escura,
formando um círculo de conjetura
ao redor do que são razões e ventos.

Sem perspectiva de alvo ou estrutura,
demoro-me, profundo, entre os momentos,
a edificar castelos de argumentos,
com a água a me bater já na cintura.

Quando a manhã deserta se anuncia,
descubro — derrotado — que o meu gesto
nada cresceu à sombra, mais vazia:

e que ser eu de nada me serviu
na guerra contra o escuro, que detesto,
tal como algum portão que não se abriu.

Resíduo

Como um resíduo seco, desprezado,
que no fundo do acaso descobri,
vem a certeza de que estar aqui
não cumpre coisa alguma do mandado:

vem a noção de que fui convocado
por ordem de algum rei que nunca vi,
mas de que todo o esforço que empreendi
foi em vão, por ingênuo e equivocado.

Surgido de uma incerta profundura,
a flutuar sobre a sombra como uma ave,
vem afinal o pasmo, que perdura:

de compreender que, fiel à ordem dada,
me empenhei contra espectros, num enclave,
e que do andado só restou a estrada.

O construtor

Foi tão longo o trabalho de construir
uma ponte por cima do vazio
que separa o que almejo do que adio,
que já não sei se posso conduzir

meu cargueiro de sombras ao porvir,
se posso enfim, cortando o antigo fio
que me prende ao calor de um peço estio,
frutificar no outono de sorrir.

Foi tão longo o trabalho e tão completo,
absorvendo o meu sonho predileto,
num doido afã de truques por fazer

(cumprindo o que no início era saber),
que o tempo de uma vida se esgotou
e o construtor de pontes não passou.

Gaia ciência

A ciência do não ser rapta o meu ouro
e me deixa sozinho na estação,
a suportar o peso do verão
na fímbria do sentido onde laboro.

Acrescentando um dado ao meu tesouro
(que bem sei não terá continuação),
seu sopro vem somar-se à viração,
como um tipo qualquer de mau agouro.

Eu, então, percebendo o que ela traz
e o nada que acrescenta à estranha paz
em que aos poucos me afundo, inadvertido,

ponho-a de lado e observo a tarde real,
nova e plena de um brilho inaugural
que o pensamento sofre, comovido.

Agora

Agora que o teu salto formidável,
que o teu golpe mais fino e bem urdido
fracassou finalmente, desmentido
pelo alfanje do tempo insubornável;

agora que o teu plano mais estável
de chegar a algum porto, encarecido,
se mostrou improfícuo, conduzido
por mão de principiante, incerta e inábil;

agora que o teu jarro se quebrou
à plena luz do incêndio, insuficiente,
e que o teu grito enorme se calou —

resta-te ver que o sol não te desmente,
que estar em casa é estar ao desamparo
no dia que afinal se tornou claro.

Forma

Já não quero formar nem imprimir
ao material inerte do possível
um perfil excelente, discernível,
que o tempo vem propor ou sugerir:

não quero impor ao lento conseguir
um formato qualquer, claro e exprimível,
que justifique o tédio do desnível
no sonho do que alcanço repelir.

Quero, antes, o desprezo e a infinitude
do que, de indefinido, não ilude
meu anseio de espaço e de contorno:

seu recorte sonhado, sua luz,
sua clareza vã que me seduz,
iluminando a vida, sem adorno.

Aventura

É somente aventura, tentativa,
veleidade a que o tédio nos incita,
salto mortal na noite que medita
a verdade do sono, injusta e esquiva,

o improvável pensar que nos concita
à palavra, tão breve e fugitiva,
e que, por menos nossa e mais esquiva,
a transforma em medida, em coisa dita?

É somente uma aposta do silêncio
que, repleto de si, no escuro imenso,
busca o reflexo do erro em que renasce?

Ou algo mais da sombra ou mesmo do ar
que vem em nossa boca se inflamar,
como se o próprio inverno o convocasse?

Contabilista

De espasmos, de quimeras, de intenções,
de fantasias que não se firmaram
à flor do tempo e aos poucos naufragaram,
vencidas pelas chuvas e monções;

de valentes impulsos e visões
que em metas duvidosas apostaram
e no fim, como torres, desabaram,
antes mesmo de virem os tufões —

de tudo o que é passível de destroço
meu pensamento ocupa-se na tarde,
como bandeira vil do que não posso:

como contabilista do possível
que nunca se convence do incabível
e perscruta a semente que ele guarde.

Estabilidade

Farto de andar perdido no estrangeiro
e de sofrer o cerco da ansiedade
(que não contém sentido nem verdade),
tento mudar de rumo e de roteiro;

tento fazer do impulso passageiro
(sem qualquer pretensão de autoridade)
um compromisso de estabilidade
que me torna mais sóbrio e mais certo.

Convertendo os refluxos da inconstância
e da velha indignação em que patino
numa forma qualquer de relutância,

tento dar ao meu rosto uma feição
e ao meu gesto firmeza e explicação
onde o vento é caminho e o sol destino.

UM CANTO PARA SÍSIFO

Um canto para Sísifo

De só recomeçar, e então querer de novo,
estar de novo, ser de novo o que começa;
estar assim, parado aqui, olhando a porta
que pode não se abrir, que pode estar trancada,
mas que não põe limite à esperança, excessiva,
de atravessar que impregna o vento, a luz, o dia —
tornando instável tudo e fechando, por fora
(fora do pensamento e fora do possível),
a ideia simples de jamais poder passar,
de estar assim exposto e ser sombra exterior,
exilada no dia, em frente à enorme porta,
que pode nem se abrir, que pode estar trancada;

de assim recomeçar, e então fazer de novo,
tentar de novo o que a verdade não confirma,
e entanto indiferente às vozes do fracasso,
permanecendo ali, como um vento insistente
que força, em vão, batendo em vão contra a vidraça;
recomeçar, como algum ar que recomeça,
como uma água que vem à fonte e recomeça,
fluindo fresca e transparente em meio à sombra
que o fulgor estival do sol no chão desenha;
e não ter margem, não ter meta, nem ter porto;

mas insistir de novo, e começar de novo,
como, depois da noite, um dia amanhecendo. —

Sem pensar que o que foi, que o que o tempo gastou
e nunca realizou (e entretanto iludiu
com o pensamento morno e doce do possível)
tombou na curva, destróçado e impenitente;
sem supor que assim foi, bater mais uma vez,
forçar de novo aquela porta, invicto e imenso,
como se a realidade e o peso da verdade
nada fossem no dia e nada contivessem
da velha proibição que vem do tempo e pesa
(e vem do fundo imemorial do puro haver,
do puro acontecer que o tempo não resolve);
como se nada fosse o não obter resposta.

Bater de novo. Olhar de novo. E novamente
forçar, intruso, aquela porta, e insatisfeito;
e bater outra vez, sem medo da resposta,
como se haver resposta e como se bater
fosse o sentido próprio (e toda a explicação)
para tal persistência — e este não ter sentido
nenhuma persistência (entretanto insuflada
pelo sopro de algum obscuro pensamento,
de uma suposição obscura e uma suspeita,
que por si mesma justifica, injusta e cega,
todo recomeçar; e então querer de novo,

e ser de novo, e estar, e ser o que começa,

aqui parado, em frente à porta, que não se abre) —
de bater e esperar, batendo para sempre,
e repetindo o gesto, e outra vez repetindo-o
(como quem sabe e, entanto, ansioso, indiferente
ao que a verdade diz — muda ou incompreensível —
disso não se convence, isto é, de que a ampla porta
está fechada, e sempre esteve) para sempre;
diante da porta que, entretanto, está trancada,
mas que não põe limite à ansiedade, excessiva,
de atravessar, que impregna o vento e a luz do dia,
e torna instável tudo, e fecha, mas por fora,
a ideia simples de jamais poder passar.

